

07-01-2021

Os olhos do rádio (II)

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

O desafio a que me impus, como radialista e enxergante, de tentar compreender o significado do rádio para os cegos, só está sendo possível de enfrentar na companhia de Alisson e Elisângela. Alisson (Azevedo) conheci recentemente, por sua voz, e o abracei como parceiro e co-autor dessas reflexões. Sua visão sobre o rádio e a relação daquele veículo com os cegos foi e está sendo determinante para que eu possa elaborar minhas inquietudes sobre os olhos do rádio na vida dos cegos.

Elisângela (Ribas Godoy) só conheço por seu trabalho de mestrado ([Rádio: o informante dos que não enxergam/2002](#)). Apesar de ter quase 20 anos que foi defendida, sua pesquisa mantém a atualidade como norteadora de compreensões. Mesmo com o avanço das redes sociais nos últimos anos, o advento dos *podcasts* e do *whatsapp* e, no ano de 2020, com a pandemia e as inúmeras laives decorrentes da nova situação, tudo indica que o rádio manteve o seu lugar de fala. Pelo menos, essa é a primeira impressão após recorrer aos diversos *sites* de pesquisa, mesmo eu não sendo uma pesquisadora “profissional”. Uma das vantagens da nova era das comunicações, novas fora as *fake-news*, é a facilidade de acesso aos mais distintos debates sobre os mais distintos temas na escala planetária.

O próprio título da dissertação de Elisângela é sugestivo: o rádio é um informante para os cegos. Resta saber se é um informante privilegiado... Seu trabalho foi realizado no Instituto Paranaense de Cegos, em Curitiba/Paraná, com alguns de seus moradores e frequentadores.

Dos 14 entrevistados, 12 têm deficiência visual total.

Todos escutam rádio frequentemente. Em relação aos horários, a frequência é maior à noite, depois à tarde e menos pela manhã. É interessante anotar que normalmente o rádio é mais ouvido em geral pela manhã, mas para os cegos esse é o período menos frequentado. Nas rádios AM é no período da manhã que estão os líderes de audiência. “Durmo com o rádio ligado” é um dos depoimentos... Outro depoente é mais radical ... “qualquer hora é hora de escutar rádio”...

Outra observação de Elisângela é que metade dos entrevistados prefere escutar rádio sozinho (50%).

Mais do que com a família ou com os amigos...

Os principais motivos que levam o deficiente visual a ouvir o rádio são a informação e as notícias. Em seguida, entretenimento e lazer. O terceiro motivo é a educação.

Esse fato me leva a pensar, imediatamente, como radialista, se estamos faltando com alguma coisa em nossa “missão”... Em relação a este aspecto, um dos depoentes, trabalhador da fábrica de vassouras do Instituto assinala que “deveria haver um programa de pelo menos meia hora para ensinar coisas boas. O projeto Minerva de antigamente era bom, tinha aulas até para crianças”. Para quem não lembra, o Projeto Minerva era um Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, de 1970, com cinco horas semanais de educação à distância, via Embratel, correspondentes ao primeiro grau. Funcionava com 30 minutos por dia, de 2ª a 6ª feira, e uma hora e 15 minutos aos sábados e domingos. Outro motivo para ouvir o rádio - o da solidão - também está presente, mas é inexpressivo.

Uma das depoentes foi mais taxativa em relação à “missão” do rádio, de que eu fiz menção ...

“deveria haver um pouco mais de aproximação com o povo, terem mais interação com o ouvinte, que poderia participar da programação dando opinião”.

Uma questão que aparece na pesquisa é a qualidade ruim do som, principalmente nas rádios AM (Amplitude Modulada). Creio que essa questão já não seja tão relevante 20 anos depois, mas a frequência das rádios AM ainda carece de uma qualidade que a tecnologia atual deveria ser capaz de resolver. Apesar de ser cria do rádio nunca entendi bem essas diferenças que o avanço tecnológico tem preguiça de resolver.

Agora com as *web* rádios, parece que algo está sendo feito, mas temo que possa mudar a cara do rádio e jogá-la na internet como mais um produto. E pior, talvez você tenha que pagar para ouvir cada emissora. Seria como se o antigo rádio no móvel da sala ou na mesinha de cabeceira, agora nos novos tempos modernos virasse uma espécie de cofrinho, em que você pra mudar de estação tem que depositar uma moedinha.

Mas, com uma diferença, a moedinha será em algum tipo de *bitcoin* que vai direto por um tubo virtual para a *Amazon* de Jeff Bezos, o homem mais rico do mundo.

Ou, para alguma concorrente. Afinal, as regras do mercado global exigem “concorrência”.

Como veem, não estou pessimista, eu sou pessimista. Mas deixa eu voltar para a pesquisa da Elisângela...

Um aspecto que chama a atenção é a forma de comunicação. Um entrevistado explica: “radialista fala feijão com arroz, ele é curto e grosso no assunto” e outro ratifica: “quanto mais simples for o locutor, melhor para entender o fato”. Um outro diz que as frases curtas facilitam a informação: “porque quando alguém fala bastante acaba confundindo e quando é curto esclarece”.

continua

Em relação à comparação da TV com o rádio, alguns depoimentos são também esclarecedores ... *“Prefiro ouvir noticiário pelo rádio do que pela TV ... No rádio a pessoa fala e repete a informação... Para mim não tem nada que substitua o rádio. A informação e os programas musicais na televisão não têm tanto impacto como no rádio”*. Outro assim se expressou ... *“não tenho paciência para acompanhar futebol na televisão, prefiro o rádio”*. Elisângela finaliza sua pesquisa, aqui sintetizada de forma muito econômica, tantas são as informações que traz, com uma sugestão que me causou uma certa vergonha como radialista - a inclusão de um *ombudsman* cego nas rádios -. Seu papel seria ouvir os ouvintes cegos e, a partir de sua própria experiência como cego, aprimorar a missão do rádio e elevá-la ao nível da inclusão e acessibilidade como um direito humano fundamental. Por todas as rádios que passei, em tantos anos, eu nunca havia pensado nisso e nem vi qualquer colega radialista falar sobre isso. E como disse uma deficiente visual citada em outra pesquisa de Simone Frota, também em 2002, *“... o rádio é o meu melhor amigo”*. ■ ■ ■

Alguns sites de interesse:

<http://www.sac.org.br/instituto/Radio.HTM>

<https://radios.ebc.com.br/todas-vozes/2019/04/quando-inclusao-no-radio-faz-historia>

<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/radio-web-feita-por-cegos-no-ap-quer-levar-inclusao-social-para-deficientes-visuais.ghtml>

<https://www.oncb.org.br/radio/>

<https://www.adveg.org.br/radio%20adveg>

<https://www.radionovelo.com.br/>

<file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/13305-49423-1-PB.pdf>

<https://olhardeumcego.wordpress.com/2017/03/25/10-perguntinhas-insistentes-que-cercam-o-cotidiano-de-uma-pessoa-cega/>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.